

Além do sofrimento, a utopia: narrativas de mulheres migrantes camponesas na busca pela terra.

LOSANDRO ANTONIO TEDESCHI¹

Introdução

Há vários anos, os(as) *brasiguaios(as)* têm ocupado espaço na mídia brasileira, que noticia a existência de conflitos – agrários, principalmente –, entre brasileiros e paraguaios, no país vizinho. Seu retorno ao Brasil – seja temporário ou permanente –, em acampamentos situados nas cidades ou nas margens de rodovias, tem sido evento recorrente no cotidiano da fronteira. Tais elementos colocam em pauta a necessidade de se conhecer melhor esses sujeitos, perguntando-nos quem são eles, por que transitam pela fronteira e como experimentaram os recentes deslocamentos.

Visando responder a algumas dessas questões, selecionamos, para este texto, narrativas orais de camponesas brasiguaias retornadas ao Brasil, mais precisamente para as regiões dos estados de Mato Grosso do Sul e do Paraná limítrofes ao Paraguai. Lançamos um olhar sobre narrativas orais constantes de nossos acervos pessoais, produzidas em diversas experiências de pesquisas de que participamos, procurando dar visibilidade às trajetórias e memórias de trabalhadores(as) pobres migrantes, que se dirigiram ao país vizinho entre as décadas de 1960 e 1970 e, a partir de fins da década de 1980, começaram a retornar ao Brasil, para habitar as periferias das cidades fronteiriças ou os acampamentos – hoje, muitos deles já assentamentos – dos movimentos de luta pela reforma agrária. Trata-se de um grupo que viveu intensos deslocamentos em um curto espaço de tempo, e hoje enfrenta dificuldades para (re)integrar-se à sociedade brasileira. Ao mesmo tempo, procuramos problematizar as falas de sujeitos como as mulheres camponesas que emigraram ainda jovens – e que, portanto, não foram propriamente os protagonistas na decisão de emigrar – e, justamente por isso, viveram o trânsito pela fronteira de maneira diferente de seus pais.

¹ Doutor em História Latino Americana, professor na graduação e pós-graduação na Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, pesquisador produtividade em pesquisa – CNPq.

Sobre o termo *brasiguai*, muito se tem discutido nos últimos anos, no interior da historiografia que trata do tema, a ponto de autores que são referência no assunto, como Anita Sprandel, abandoná-lo, optando por “*brasileiros na fronteira com o Paraguai*” (SPRANDEL, 2006, p. 137). Entretanto, compreendemos a denominação *brasiguai* como válido, pois como afirma Danusa Lourdes Guimarães da Silva “*É nesse contexto que surge o termo “brasiguai” para identificar as experiências de retorno, via MST. O termo foi a expressão e bandeira de luta dos migrantes (...)*”, (SILVA, 2010, p. 17). tratando-se, portanto, de uma identidade assumida pelos(as) próprios sujeitos, e não uma denominação elaborada de maneira externa a eles.

Contudo, nenhum dos autores que se dedicam ao tema dedicou um trabalho específico à mulher trabalhadora migrante da fronteira, protagonista dessa narrativa de colonização marcada por lutas, sacrifícios, renúncias, coragem, ousadia, conquistas e muito trabalho. Se a elas fizeram referência foi através de uma lembrança passageira inscrita numa página ou em um simples parágrafo. As particularidades da atuação feminina não são enfrentadas nesses textos, e nem mesmo a produção acadêmica tem voltado grandes atenções para as personagens de construção do cotidiano no mundo camponês em região de Fronteira Paraguaia.

As mulheres brasiguaias na fronteira

Os relatos sobre adversidades enfrentadas no leste do Paraguai, apesar de recorrentes, nem sempre assumem contornos dramáticos, além disso, ao serem mencionadas dificuldades, elas costumam não se relacionar a tensões no convívio com pessoas. Em toda pesquisa, somente uma pessoa narrou, de forma mais detida, sobre as tensões que povoavam a vida no país vizinho no que tange as relações com outras pessoas, em especial, os cidadãos paraguaios. Trata-se de Luiza,² que na época da entrevista contava apenas 14 anos. Filha de brasileiros, nasceu no Paraguai, mas foi registrada no Brasil – prática comum entre os brasiguaios –, considerando-se ela também brasileira, falante de um português perfeito, sem sotaques. No país vizinho, seu pai aliava atividades comerciais ao trabalho no campo – tanto na propriedade que lá veio a adquirir, como nas fazendas vizinhas – enquanto sua mãe trabalhava como

² Luiza (nome fictício), 14 anos, babá, moradora de bairro periférico da cidade de Marechal Cândido Rondon-PR/Brasil, 03 de abril de 2003.

doméstica em uma das vilas fronteiriças, do departamento (província) de Canindeyú. A mudança para Marechal Cândido Rondon havia ocorrido poucos meses antes da entrevista, quando a mãe de Luiza recebeu uma soma em herança, se separou do marido e comprou uma casa na periferia da cidade brasileira.

Na narrativa de Luiza o leste do Paraguai é pintado em tons sombrios, como lugar violento, repleto de golpistas e autoridades corruptas, cujas escolas adotavam castigos físicos e onde havia preconceito contra os brasileiros. O trecho a seguir resume a visão da narradora sobre o outro lado da fronteira:

E lá quase não conseguia, não tinha emprego. Não tinha uma escola boa para estudar. [...] mais pelo preconceito [contra brasileiros], lá estava virando, virando um lugar, assim, muito violento, barra pesada e antes já não, era mais calmo. [...] Nem a polícia não consegue controlar eles. Imagina, se nem a polícia consegue controlar, seria bom morar num, num lugar desses? Não, né.

Na prática, muito do que Luiza relata está presente na mídia brasileira, sobre o Paraguai, e nos estereótipos nutridos pelos próprios brasiguaios, sobre aquele país, algo que frequentemente é falado em situações informais, mas poucas vezes verbalizado em entrevistas orais. Trata-se da visão brasileira sobre o Paraguai e seus habitantes – em que os cidadãos do país vizinho (e, ao que tudo indica apenas eles) são vistos como caso de polícia – que reclama do preconceito vivido naquele país, mas não se preocupa sequer em aprender suas línguas oficiais. Todavia, nossa intenção não é desmentir a narradora, em busca de uma história *verdadeira* ou *objetiva*, mas analisar a *subjetividade* (PORTELLI, 1996a) presente na narrativa. Com esta intenção, procuramos dialogar com Luiza sobre os motivos para a existência destes conflitos entre brasileiros e paraguaios, os quais, em sua opinião, se originavam em “uma guerra”:

...eles tinham um pouco de raiva do... Brasil porque teve uma guerra, que agora eu não estou lembrada qual foi, e que o Brasil tirou terra do Paraguai [...]. Os brasileiros roubaram do Paraguai as terras, né, na guerra que teve [...]. Por isso que eles, eles achavam que lá, lá era território deles, e o quê os brasileiros iam estar fazendo lá, na terra deles[?], e se algum brasileiro falava ou fizesse ou falasse alguma coisa, eles falavam que se quisesse podia ir embora, fosse para o Brasil, porquê eles estavam vivendo lá na terra deles, lá eles mandavam.

A guerra, da qual fala Luiza, é a “Guerra do Paraguai”, ocorrida no século XIX, em que houve dois processos que muito contribuem para a construção de uma memória negativa dos brasileiros, naquele país – para além dos crimes de guerra cometidos

naquele conflito –, trata-se da anexação de terras em litígio na fronteira Brasil-Paraguai (no atual sul de Mato Grosso do Sul) e a imposição, pelos países vencedores, da privatização das terras estatais paraguaias, origem do latifúndio naquele país (ALMEIDA NETO e FLORES, 2014). Após a queda da ditadura de Alfredo Stroessner, na década de 1990, movimentos de luta pela terra passaram a questionar a presença brasileira no país, principalmente suas propriedades rurais (BALLER, 2008), em especial, no sul do país, onde se localizam os departamentos (províncias) onde nossos narradores viveram, detentoras das terras mais férteis. Nesses movimentos, as memórias da guerra do Paraguai se mantêm vivas, como forma de efetivar a denúncia sobre como a submissão do país ao estrangeiro, ocorrida após a guerra, que contribuiu para excluir a população paraguaia do acesso à terra.

Talvez por isso a memória de Luiza – provavelmente uma “memória herdada” (POLLAK, 1992) de família, e não resultante exclusivamente de suas experiências pessoais –, aponte um tempo em que as relações eram mais “amistosas”: *“Quando eu era menor já não tinha tanto preconceito (...) [os paraguaios] viviam até bem com, com os brasileiros (...) [,] depois de um tempo que começou (...) aquele preconceito”*. Mais que um recurso narrativo (tal como observado por PORTELLI, 1996b), dar relevo a um tempo de calma, anterior ao de conflito, pode indicar como a narradora trata, em suas memórias, o período anterior à redemocratização paraguaia, iniciada em princípios da década de 1990, marco na efervescência dos movimentos sociais e populares no Paraguai (BALLER, 2008) que, diferentemente do Brasil, têm na etnicidade e no nacionalismo elementos de extrema importância.

A maioria das mulheres migrantes entrevistadas dizia estar indo ao Paraguai em busca da sobrevivência e bem-estar da família, não lhes sobrando tempo para pensar e escrever aquilo que sentiam, viviam e sonhavam nos primeiros anos de vida nesses assentamentos. O panorama e as cenas cotidianas eram suficientemente ricos em aventuras, desafios e acontecimentos prosaicos que encheriam centenas de horas de entrevistas. As mulheres que narram esse processo migratório se reconstruíram durante mais de três décadas, sobrevivendo em território Paraguaio e Brasileiro. Nos anos 1970, eram apenas camponesas que seguiam seu percurso em busca de terra e não havia qualquer consciência de que viriam a ser personagens de um processo histórico de ocupação de terras além fronteira e, posteriormente, em acampamentos, no Brasil.

Entretanto, algumas mulheres migrantes brasiguaias, hoje assentadas em território brasileiro, guardam consigo fotografias e recortes de jornais da época, talhados de lembranças daquele período junto com as promessas de melhoria de vida. Interrogadas, dizem que pensavam em escrever o que sentiram, viram e ouviram, mas acabaram não guardando nada, além de lembranças.

Esta constatação da pouca ou nenhuma intenção de registro de suas trajetórias é resultado de um imaginário construído pela história de que as memórias femininas não têm valor merecido por ser demais subjetivas, de cunho familiar, afetivo e maternal, que não interessariam à memória oficial.

Ao usarmos a história oral como método para entender a operacionalização do gênero no processo migracional de mulheres camponesas, se faz necessário o uso do termo “histórias de vida”, que, por sua vez, abarca procedimentos e aproximações extremamente diversos.

As mulheres assentadas migrantes, que viveram em terras paraguaias e após anos retornaram para os diferentes lugares do Estado de Mato Grosso do Sul, em situação de acampadas, boias-frias, assentadas, carregam consigo uma bagagem de conhecimento e cultura própria. Estas mulheres resistiram ao período do processo migratório de diversas formas. Cada uma escreveu como pode um capítulo da história. As experiências vividas têm reflexos em nosso cotidiano de vida e, principalmente, na educação das futuras gerações nos assentamentos.

A memória vívida é elaborada por meio de relações entre coletividades e individualidades que incluem, entre outros elementos, o masculino e o feminino, nos mostrando que as diferenças de gênero foram construídas historicamente a partir destas relações. Perrot (1988, p. 27), nessa perspectiva, salienta que a memória é um prolongamento da existência, e ambas são formas de relação no tempo e no espaço, e por isso também sexuadas.

Nas memórias de muitas mulheres migrantes Brasiguaias, que participaram do processo de colonização em terras paraguaias são comuns as referências ao sofrimento por não ter dinheiro ou satisfazer a vontade do marido, demonstrando um sentimento de indignação e revolta. São histórias de mulheres que “sentiram na pele”, como elas mesmas dizem,

A casa foi construída com lasca de taboca (lasca de madeira mole) é tipo marfim, dava caruncho que nem milho e a cobertura era de tabuinha mais os esteio era de angico uma madeira boa, pesada, o piso era de bosta de vaca com barro (...) mesmo assim eu cozinhava, eu mexia naquelas panelonas encima do fogão, muitas vezes eu pegava e enrolava o nenê e levava na roça pra minha mãe dar mama e daí eu trazia de novo pra casa e daí foi assim que eu fui crescendo e fui trabalhar de bóia fria eu e meus irmãos, trabalhamos bastante também ajudando os pais, nos trabalhávamos e no final de semana vinha o cheque e nem sequer dava para comprar a comida.³

Ao analisar um discurso, mesmo que o documento considerado seja a reprodução de um simples ato de fala individual expresso, entendemos como uma não manifestação de um sujeito, mas sim nos defrontamos com um lugar de sua dispersão e de sua descontinuidade, já que “o sujeito da linguagem não é um sujeito em si, idealizado, essencial: ele é ao mesmo tempo falante e falado, porque através dele outros ditos se dizem” (FOUCAULT, 1986, p. 84).

Praticamente todas recordam elementos comuns a esse fato marcante e significativo para a memória coletiva: o número de famílias que abandonaram seus familiares no sul e foram ao encontro de oportunidades nas terras do país vizinho, e que mais tarde vieram a perdê-las. Nas memórias desse deslocamento, o rito de saída da terra natal, a chegada ao novo país, a situação da noite, o arame, o mato, os bichos, os limites de vários gêneros (falta de cobertores, mosquitos, matagal), a noite que não terminava, a vigília até clarear o dia, o planejamento para o dia seguinte, o medo do “outro”. São tempos de travessias, onde apenas as lembranças ficaram para trás.

A dimensão do coletivo/grupo e da mediação de grupos foi expressa como segurança diante do que estaria por vir. Isso é expresso como importante no processo, pois fez repensar na insegurança misturada com coragem em romper com uma vida de limites e bloqueios, mas que não apresentava perigo, medo, imprevisibilidade, da casinha com a família para o meio do capim, no meio do mato e à noite; são todas e pressões de sentimentos vividos desde o ato de sair e, muito mais, no momento de entrada e localização no território do outro.

Nas narrativas das mulheres migrantes que viveram em acampamentos posteriormente a vida no território paraguaio, há muito heroísmo, como também as marcas das identidades de gênero. Percebemos que homens e mulheres relatam o tempo

³ Maria Celina Azarias David, 48 anos, imigrante camponesa brasiguaiia. Assentamento Itamaraty. Ponta Porã-MS/Brasil, 10 de novembro de 2012.

e os fatos vividos com diferenças que manifestam incorporações históricas e culturais de papéis, representações, obrigações valorativas, que vão desde as dimensões do âmbito coletivo, como a família, até a subjetividade, a esfera política, o cotidiano vivido no interior da lona preta, a falta de alimentação, as doenças.

Também cabe indagar sobre o lugar de onde as mulheres brasiguaias falam o lugar específico de sua percepção, a fonte do discurso daquele falante, e sobre a sua efetiva posição de sujeito, suas ações concretas, basicamente como sujeito produtor de saberes. É assim que, segundo Foucault (1986), destrói-se a ideia de discurso como expressão de algo, tradução de alguma coisa que estaria em outro lugar, talvez em um sujeito, algo que preexiste à própria palavra⁴.

Quando saímos do sul e partimos para o Paraguai, não tínhamos nada... apenas as roupas do corpo, uma dúzia de galinhas, um guarda roupa e minha máquina de costura. Ao chegar no Paraguai a tristeza tomou conta de nós... não havia nada, apenas mato, sofremos muito(...) me lembro que aos 12 anos a minha mãe me tirou da escola, porque menina com mais idade não é bonito estudar. Mais tarde começou as ameaças de invasores dizendo que aquelas terras eram deles... começou ai por volta de 1986 a nossa tentativa de retorno ao Brasil.⁵

Nesse modelo, os aspectos que historicamente o representam são de responsabilidade das mulheres. Na dimensão do barraco inexistente a plenitude do cuidar, seja internamente, como em seu entorno e por isso o aumento do tempo livre, o que permitiu a participação delas nas ações de luta. Aliado a isso, havia a necessidade de todas as pessoas de cada família, sejam homens, mulheres, jovens e crianças, unirem forças e criarem múltiplas estratégias que tornassem possível a passagem do viver provisório para o viver definitivo e sossegado.

A pior coisa na vida de uma mulher, é você acordar no barraco de manhã e ver que você não tem nada para dar de comer aos seus filhos(...) apenas um pão seco (...) é uma experiência que jamais quero passar de novo... a fome é a pior coisa que vivi nesse tempo de transferência do Paraguai para o acampamento, a pior coisa nesse mundo⁶.

Esse sofrimento, segundo Dona Marta ia durar mais dois anos no acampamento, enquanto aguardava o possível lote na fazenda Itamaraty. Sua condição física e

⁴ Em vez de identificar poder com opressão, Foucault vê como criador de significados, valores, saberes e práticas.

⁵ Ilse Schneider, 60 anos, imigrante brasiguai, assentamento Itamaraty. Ponta Porã-MS/Brasil, 10 de novembro de 2012.

⁶ Marta Cléa Mariano Pontes Cortes. Imigrante brasiguai. Assentamento Itamaraty. Ponta Porã-MS/Brasil, 10 de novembro de 2012.

psicológica a cada dia mostrava sinais de cansaço, segundo ela, a angústia tomava conta e era agravada pela falta de condições de higiene no acampamento e privacidade. Seu relato mostra uma trajetória migrante e revela um sentido através da linguagem e do significado que os depoimentos carregam; explicitando as intenções e as práticas das mulheres migrantes Brasiguaias em torno dos seus papéis de gênero e poder na esfera familiar, refletindo as condições socioculturais da produção e reprodução dos discursos.

Apesar das dificuldades e do inevitável estranhamento na vida do acampamento, havia algo mais que as prendia nessa situação, a possibilidade de melhorar de vida e principalmente a certeza de ter comida para os filhos, sem a velha ameaça que a perseguia desde as terras paraguaias e o medo de ver os filhos passarem fome. A confiança de que se conquistassem um pedaço de terra e que teriam comida abundante suplantara as dificuldades, até mesmo a falta de escola, visto que nos primeiros anos as crianças não puderam estudar. Dona Marta emocionada lembra que ficava com o coração apertado ao ver os seus filhos sem poder estudar, e muitas vezes sem comer.

Algumas memórias das mulheres migrantes mais velhas expressam um conformismo de que “sempre foi assim” e de que “não mudará” esse “cansaço” oriundo dessa vida na roça. Algumas mulheres saíram de seus locais de origem ainda solteiras, por isso, expressam sua coragem e também solidão quando afirmam que foram “criadas pelo mundo”, refletindo uma espécie de auto-elogio e reconhecimento de sua própria capacidade.

Fomos para o Paraguai, porque o meu pai com onze filhos não tinha terra para todos, e ficamos nove anos rodando com a mala, até conseguir um pedaço de terra no Paraguai. O local que conseguimos era chamado de “fundo do saco” porque depois dessa região não havia mais nada. Não tinha remédio, hospital, não tinha nada... de tanto sofrer, nós nos acostumamos (...) me lembro que peguei um quilo de arroz e fui vender de casa em casa para conseguir um dinheiro para levar minha filha no hospital que só havia em Sete Quedas no Brasil (...) muito sofrido.. Separei porque eu não aguentava mais.... e fomos para Catuete, também no Paraguai(...) lá não tinha o que comer... Trabalhei na serraria, carregava carreta, trabalhei de cozinheira, diarista na roça, foi nos anos de 1988 com minha três filhas, a mais nova com três anos e mais velha nove (...) sozinha lá não havia serviço(...) lá a “cobra fumou”.. rocei mato, tiramos madeira, eu fazia queijo, vendia galinhas... morei três anos lá...foram os piores (...)⁷

⁷ Maria Zelita Dalsoto, 55 anos, imigrante Brasiguaiá. Assentamento Santo Antônio/Itaquiraí-MS/Brasil, 09 de dezembro de 2012.

As histórias de D^a. Maria Zelita e D^a. Marta revela as precárias condições sociais e econômicas em que elas se encontravam no Paraguai e em sua trajetória migracional até a conquista da terra. Ao sair, rumo ao acampamento no Brasil, no estado de Mato Grosso do Sul, elas não deixaram nenhum bem material para trás, caso precisassem voltar, pois em todo o período de vida no país vizinho como migrante passaram fome, desemprego e humilhação.

Muitas das famílias que migraram ao Paraguai, apenas possuíam o contrato de compra e venda, sem a posse da escritura pública da terra. As terras paraguaias eram terras sem documentos, permeadas por uma forte corrupção dentro das empresas colonizadoras que levavam as famílias brasileiras.

A situação de opressão e limitações que circundavam D^a. Marta e D^a. Maria Zelita não eram ocasionais na trajetória dessas personagens, mas um fator recorrente na maioria das mulheres e famílias brasiguaias.

Assim como relatou D^a. Marta outras mulheres migrantes brasiguaias me contaram que seus maridos saíam para trabalhar às vezes de *boia-fria* em fazendas para poder ganhar um dinheiro extra para suprir as necessidades da família. Enquanto isso elas ficavam no lote, administrando e trabalhando com os filhos.

Em outras conversas, destacavam que a partida é um momento singular tanto para aqueles que partem, como para aqueles que ficam, segundo as mulheres, e muitas vezes serve como um momento de catarse, de purificação da subjetividade, das emoções que ambos carregam. Há trechos de despedida presente nas falas das mulheres, onde relatam emocionadas que as mágoas ou conflitos que tinham com algum vizinho ou parente se diluíram quando migraram, é um sentimento que marcou muito segundo elas.

Os relatos, mesmo apresentando diferentes impressões temporais e espaciais, a despeito das descontinuidades que permitem cruzar uma dimensão intersubjetiva e social, revelam os modos de apropriação, a constituição de subjetividades não captadas pelo discurso normativo. Ademais, podem evidenciar o poder das representações sociais em pressionar para o conformismo, o consentimento, o que reforça os tradicionais papéis de gênero, as resistências vividas no processo migracional.

As mulheres migrantes brasiguaias sem terra foram silenciadas sem consentimento (PERROT, 1988, p. 30). São pessoas não escutadas porque seus pontos de vista são tidos como não importantes. Caladas, devido a um imaginário social ou

status inferior, por serem pobres, mulheres, afro-descendentes, trabalhadoras camponesas, boias-frias e migrantes.

As memórias construídas por essas mulheres migrantes, por mais incompletas que às vezes possa aparecer – devido a uma multiplicidade de experiências vividas pela família, pelo coletivo que imigrou – não continua parada no tempo, mas está em contínua transformação. Para Halbwachs (2006), a memória é fruto de interações sociais que ocorrem no tempo presente; e ainda acrescenta que, nesse processo dialético, dá-se a constituição da imagem de cada “um” no “outro”, e que a identidade dos sujeitos se forma nesses contextos interativos, de realidades múltiplas, fragmentadas.

Considerações finais

Ao mergulharmos no imaginário individual e social dos(as) migrantes brasiguaios(as) para entendermos seus deslocamentos, nos leva a uma submersão nesse passado, através de uma busca de fatos inertes, mortos e superados, não como um momento estático esquecido, mas como uma vivência marcada de significados e mudanças que sustentam a vida presente. Nesse sentido nos aventuramos a tecer redes de significados para entender as atitudes, comportamentos e projetos na vida das pessoas que se dispuseram a falar sobre suas trajetórias.

Na construção dessas narrativas, conhecemos mulheres que vagam pelas suas lembranças, e ao narrar democratizam o saber, ou seja, mostraram que qualquer grupo ou pessoas, assim como fizeram a história, podem também narrar a seu modo tudo aquilo que protagonizaram. Com um olhar carregado de “presente”, as (os) depoentes se narram, um momento para reconstruir o próprio passado. Dificilmente o(a) imigrante se conta, dificilmente conta de si mesmo como tal. Através da oralidade podemos devolver ao imigrante o direito de narrar-se, independente de modelos, os depoimentos registrados são ricos de indícios que remetem ao seu cotidiano e de suas famílias, ao trabalho que desenvolveram, as relações de gênero, as violências sofridas, os sonhos alimentados... nosso desafio é a partir das narrativas desses sujeitos, possibilitar vislumbrar um sentido duplo nas interpretações das histórias de vida dessas mulheres e homens migrantes brasiguaios(as) simplesmente para fazê-los existir enquanto protagonistas da história.

Referências bibliográficas

ALMEIDA NETO, Francisco Barreto de e FLORES, Mariana Flores da Cunha Thompson. Apontamentos acerca da política agrária no Paraguai do pós-guerra (1870). In: **Anais do XII Encontro Estadual de História da ANPUH/RS**. São Leopoldo/RS: ANPUH/RS, 2014.

BALLER, Leandro. **Cultura, identidade e fronteira: transitoriedade Brasil/Paraguai (1980-2005)**. Dourados/MS: UFGD, 2008. (Dissertação de Mestrado em História).

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. 3a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Loyola, 1986

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

LANGARO, Jiani Fernando. **Para além de pioneiros e forasteiros: outras histórias do Oeste do Paraná**. Uberlândia/MG: INHIS/UFU, 2006. (Dissertação de Mestrado em História Social).

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, CPDOC/FGV, v. 5, n. 10, pp. 200-212, 1992.

_____ Memória, esquecimento e silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, CPDOC/FGV, v. 2, n. 3, pp. 3-15, 1989.

PORTELLI, Alessandro. A Filosofia e os Fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. **Tempo**. Rio de Janeiro, UFF, v.1, n.º 2, pp. 59-72, 1996. (a)

PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitela Val di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum. In: FERREIRA, Marieta de Moraes, e

AMADO, Janaína (org.). **Usos & Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Ed. da Fundação Getúlio Vargas, 1996. pp. 103-130. (b)

SPRANDEL, Marcia Anita. Brasileiros na fronteira com o Paraguai. **Estudos Avançados**. São Paulo, UNESP, n. 20 (57), pp.137-156, 2006.

TEDESCHI, Losandro A. **As mulheres e a história**: uma introdução teórico-metodológica. Dourados, EDUFGD, 2012.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.